



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ENI MARIA SANTA BRIGIDA PIMENTEL

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CASTANHAL-PA.**

CASTANHAL- PA

2018

ENI MARIA SANTA BRIGIDA PIMENTEL

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CASTANHAL-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Pedagogia do Campus de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, visando à obtenção de grau de licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da profa. Msc. Dina Carla da Costa Bandeira

CASTANHAL-PA

2018

ENI MARIA SANTA BRIGIDA PIMENTEL

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CASTANHAL-PA**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Msc. Dina Carla da Costa Bandeira– (Orientadora)
Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Ellen Aguiar da Silva– (Membro Interno)
Universidade Federal do Pará

Prof. .Especialista Jefferson Alan Pereira Oliveira– (Membro Externo)
Universidade Paulista-UNIP-Polo Castanhal-Pa

Dedico esse trabalho a minha mãe (in memoriam) que sempre sonhou em ter uma filha formada, e aos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ressuscitar meu sonho de fazer faculdade depois de tanto tempo sem estudar e pela força diária para concluir esse curso.

Ao meu ex marido, pelo incentivo e pelo apoio financeiro.

A minha sogra, por ter me incentivado a voltar depois de tanto tempo.

Aos meus filhos, pelo apoio e carinho.

As minhas colegas de curso, principalmente, Gisleide Camila, Sirlene, Lilian, Marilene, Maiara, Estefane, Genice e Rosilândia que me incentivaram a não desistir no período que me acidentei e me ajudaram nos trabalhos em grupo.

A minha orientadora, Dina Carla

A todos os professores do curso de pedagogia que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

A Universidade Federal do Pará (UFPA), pela oportunidade e pelas experiências formadoras do curso.

Ao Clube de Ciências, pelas experiências de monitoria que contribuíram muito para a minha formação.

A professora Ivalda e aos alunos do primeiro ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiago Guedes, pela contribuição na pesquisa, sem a qual não seria possível a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

“Não há aprendizagem da leitura e escrita sem ensino, nem, portanto, sem professor competente para tal”

(Mortatti, 2007).

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) analisa as práticas pedagógicas de alfabetização em uma escola municipal de Castanhal-PA, descrevendo-as, identificando se as mesmas estão ocorrendo na perspectiva do letramento e verificando se elas estão contribuindo para a formação de sujeitos leitores escritores e produtores de cultura. A abordagem da pesquisa é de cunho qualitativo através de uma pesquisa de campo feita no primeiro ano do ensino fundamental, tendo como instrumentos de coleta, a observação da turma durante duas semanas e para complementar a entrevista com a professora. Como principais referenciais teóricos temos Magda Soares (2017) e Marlene Carvalho (2017) e seus estudos sobre o alfabetizar letrando para analisar as práticas da professora. Como resultado da pesquisa foi confirmada na entrevista que a concepção de alfabetização na rede municipal de ensino de Castanhal é sóciointeracionista, e que a alfabetização no primeiro ano ocorre na perspectiva do letramento, portanto, inserindo as crianças nas práticas sociais de leitura e escrita e de fato contribuindo para formação de sujeitos leitores, escritores e produtores de cultura.

Palavras chave: Alfabetização. Letramento. Sujeitos leitores.

ABSTRACT

The present Course Ending Work (TCC) analyzes the pedagogical practices of initial reading instruction in a Castanhal-PA public school, describing them and identifying if they are occurring in the perspective of literacy and verify if they are contributing to the formation of subject readers, writers, and producers of culture. The research approach is qualitative through field research done in the first grade of elementary school and having as instruments of collection the observation of the class during two weeks and to complement the interview with the teacher. As main theoretical references, we have Magda Soares (2017) and Marlene Carvalho (2017) and their studies about the initial reading with literacy to analyze the practices of the teacher. As a result of the research, it was confirmed in the interview that the conception of the reading instruction in the municipal education network of Castanhal is social interactionist, and that initial reading in the first grade occurs in the perspective of literacy, therefore, inserting children in social practices of reading and writing, and, in fact, contributing for the formation of subject readers, writers, and producers of culture.

Key words: Initial reading instruction. Literacy. Readers subjects.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 O CAMINHO DA ALFABETIZAÇÃO ATÉ O LETRAMENTO..... | 13 |
| 2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO..... | 14 |
| 3 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CASTANHAL..... | 16 |
| 3.1 O LOCAL..... | 16 |
| 3.2 A TURMA..... | 16 |
| 3.3 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS..... | 17 |
| 3.3.1 Atividades de rotina..... | 17 |
| 3.3.2 Cantiga de roda, sílabas móveis..... | 18 |
| 3.3.3 Parlendas, jogo dos números e dinâmica do mingau..... | 19 |
| 3.3.4 Parlenda, brincadeira, música infantil, desenho da mão;..... | 20 |
| 3.3.5 Palavras soltas coladas no quadro e texto escrito no quadro..... | 22 |
| 3.3.6 Texto escrito no quadro- dia das mães, escrita e pintura de cartão..... | 22 |
| 3.3.7 Texto escrito no quadro-poesia, interpretação de texto e atividade xerocada..... | 23 |
| 3.3.8 Atividade para casa..... | 24 |
| 3.3.9 Atividade no livro didático..... | 25 |
| 3.3.10 Dinâmica “Escravos de Jó”..... | 25 |
| 3.3.11 Leitura de poesia..... | 26 |
| 3.3.12 Leitura no livro de literatura infantil..... | 26 |
| 3.3.13 Leitura individual..... | 26 |
| 3.3.14 Empréstimo de livros..... | 27 |
| 3.4 ANALISANDO AS ATIVIDADES..... | 27 |
| 3.4.1 Parlendas, cantigas de roda..... | 27 |
| 3.4.2 Leitura de livros de literatura, poesia..... | 28 |
| 3.4.3 Pintura e escrita no cartão do dia das mães..... | 29 |
| 3.4.4 Atividades para casa..... | 30 |
| 3.4.5 Outras atividades..... | 31 |
| 4 CONCLUSÃO..... | 32 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 37 |

| | |
|---|----|
| APENDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 39 |
| APENDICE B- ENTREVISTA COM A PROFESSORA..... | 40 |

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, em pleno século XXI, ainda se ouve e lê nos noticiários a triste notícia de que existem 11,8 milhões de analfabetos. Os motivos para esses alarmantes números são diversos, mas não se admite que nossas crianças, entrando na escola, cada vez mais cedo, continue fazendo parte dessa estatística, entendendo o processo de alfabetização fundamental para a vida de uma criança que vive no meio de uma cultura letrada e precisa se apropriar da escrita.

Desde 2006, a lei nº 11.274, altera a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) e amplia o ensino fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade, assegurando o ingresso mais cedo das crianças no sistema de ensino, e um tempo mais longo para as aprendizagem da alfabetização e do letramento (BRASIL, 2009).

Segundo Soares (2017), até o início dos anos 1980, a discussão à respeito da alfabetização era saber qual o método era o mais eficiente para alfabetizar. Se os sintéticos ou os analíticos. Todos com o mesmo pressuposto de que para aprender o sistema de escrita, a criança dependeria de estímulos externos, cuidadosamente selecionados ou artificialmente construídos para que desenvolvessem habilidades no uso da leitura e escrita.

A partir da metade dos anos 1980, começam as discussões com base nas pesquisas de Emília Ferreiro (1986) e a psicogênese da língua escrita, onde mudou o foco da escola, do conteúdo que é ensinado, para como a criança aprende. Esses estudos publicados no Brasil em 1986, tornou-se um referencial para muitos educadores.

Na concepção psicogenética ou construtivista, a criança deixa de ser dependente de estímulos externos para produzir respostas e passa a ser sujeito ativo, capaz de construir o conhecimento da língua escrita, interagindo com esse objeto.

Para aquecer ainda mais as discussões, a partir da década de 1990, uma nova palavra é introduzida no cenário educacional: o letramento, traduzida do inglês *literacy*, que ganhou força entre pesquisadores e educadores e tem como principal defensora, Magda Soares.

Diante das mudanças, novos paradigmas e concepções acerca da relação alfabetização e aprendizagem, espera-se que as cartilhas, que durante muito tempo fizeram parte da alfabetização, tenha dado lugar as novas práticas pedagógicas, levando em conta o mundo na qual a criança vive, usando situações do cotidiano da própria criança para orienta-la no mundo da leitura e da escrita.

Mas, como de fato acontece as práticas pedagógicas em uma turma de primeiro ano, o

que fazem as professoras alfabetizadoras para que essa criança aprenda o código alfabético e ao mesmo tempo inseri-las nas práticas sociais de leitura e escrita.

Para isso, neste Trabalho de Conclusão de Curso, pretendo investigar as práticas pedagógicas de alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental, observando como acontece, na sala de aula, o ingresso da criança de seis anos no mundo da alfabetização.

Tendo como objetivo analisar as práticas pedagógicas observadas em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Castanhal, descrevendo-as e identificando se as mesmas estão acontecendo numa perspectiva de letramento e verificando se essas práticas pedagógicas estão contribuindo para a formação de sujeitos leitores e escritores e produtores de cultura.

Esta pesquisa justifica-se, para mostrar aos futuros professores, as significativas mudanças na área da alfabetização nas últimas décadas e que concepção de alfabetização é concebida na rede municipal de Castanhal.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, pois segundo Minayo (1993) ela aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, portanto apropriada para a pesquisa em sala de aula. A pesquisa foi feita por meio de uma pesquisa de campo em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal em Castanhal, situada no bairro do Pirapora.

Os instrumentos da coleta de dados foram a observação e a entrevista não estruturada.

A opção pela observação foi pela vantagem de ser realizada pelo pesquisador no próprio local que ocorre o fenômeno permitindo a coleta de dados para posterior análise (MARCONI, LAKATOS 2003).

A opção pela entrevista não estruturada com perguntas abertas se deu porque elas podem ser respondidas dentro de uma conversação informal, havendo a flexibilidade para repetir e esclarecer perguntas ou formular de maneira diferente para a melhor compreensão do entrevistado, além de poder obter dados pessoais que não poderiam ser encontrados em outras fontes, mas que serão relevante para a pesquisa (MARCONI, LAKATOS, 2003).

O participante dessa pesquisa foi uma professora do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal no município de Castanhal, na qual foi observada suas práticas em sala de aula durante duas semanas e feita a entrevista de coleta de dados com a mesma. O ambiente da pesquisa foi uma turma de primeiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal no bairro do Pirapora no município de Castanhal.

A escolha da escola se deu pelo fato de que quase todos os estágios do curso de pedagogia terem sido feito nela e a facilidade de ter a permissão para a pesquisa.

O contato inicial, nesse caso, se deu através de uma visita a escola, onde foram explicados os objetivos da pesquisa a gestora e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a professora. Após a permissão da gestora e da professora do primeiro ano, foi feito o agendamento para o início da semana, dia 07 à 18 de maio de 2018, para o início da pesquisa. Nas duas semanas de observação, foram coletados os dados, através de anotações no diário de campo e fotografias das atividades desenvolvidas. Ao final, foi realizada uma entrevista com o professor da turma para fins de complementação da pesquisa.

Como instrumentos foram usados cadernos, para anotações e celular, para fotografia e gravação da entrevista.

O estudo foi constituído em três capítulos. No primeiro, O caminho da alfabetização até o letramento, descreve a trajetória da alfabetização até os dias atuais. O segundo capítulo Práticas pedagógicas de alfabetização no primeiro ano em uma escola municipal de Castanhal, trará a pesquisa no seu local, descrevendo e em seguida analisando as atividades realizadas no primeiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Castanhal, e o terceiro, a conclusão.

CAPITULO I

O CAMINHO DA ALFABETIZAÇÃO ATÉ O LETRAMENTO

Alguns autores, como Soares (2017), Carvalho (2017) e Mortatti (2006), concordam que durante anos a discussão a respeito da alfabetização girava em torno de qual método era o mais eficaz na alfabetização. Se os sintéticos, os analíticos ou ainda os mistos. Os sintéticos partem das letras, da relação letra-som, ou da sílaba para chegar a palavra. Os analíticos ou globais têm como ponto de partida, os contos, a oração ou a frase. Já, os mistos tentam combinar aspectos de ambos.

Dentre os diversos métodos sintéticos usados para alfabetizar, alguns são descritos por Carvalho (2017). Por exemplo, a soletração e a silabação. O método da soletração tinha por objetivo ensinar a combinatória de letras e sons. Ele partia de unidades simples, as letras, que juntas, representavam sons e formavam as sílabas: b + a = ba. Quando, uma sílaba se une a outra, são formadas as palavras. Este método possui como recurso a memorização das letras. A silabação, em contrapartida, não junta a consoante com a vogal, ela já começa pela família, ou seja, as sílabas: “ba”, “be”, “bi”, “bo”, “bu” e “bão”. Os métodos fônicos ensinam o aluno a produzir oralmente os sons, representados pela letras e a uni-los para formar as palavras.

Segundo Carvalho (2017), ao longo do tempo, foram criadas variações em torno desses métodos, considerados, hoje, tradicionais, além de terem sido experimentados em diferentes contextos com resultados diversos. Todos podem dar certo com algumas crianças, mas nenhum deles é eficaz com todas.

Todos os métodos tradicionais partiam da ideia de como ensinar as crianças ou adultos a ler e escrever, ou seja, decodificar o que estava escrito e codificar o que deveria escrever. Foi a partir da divulgação das ideias de Emilia Ferreiro, no livro “Psicogênese da Língua Escrita” (1986), que se deslocou o interesse de “como o professor ensina” para a questão “de como a criança aprende”, gerando mudanças nos paradigmas de pesquisa e nos temas tratados pelos teóricos a respeito da alfabetização (CARVALHO, p. 19).

Mortatti (2006) assegura que esse deslocamento trouxe novo entendimento no cenário educacional.

Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma revolução conceitual, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas (p. 10).

Emilia Ferreiro nasceu na Argentina, em 1936. Doutorou-se na Universidade de Genebra, sobre orientação de Jean Piaget. Realizou experimentos com crianças que deram origem as conclusões apresentadas no livro “Psicogênese da língua Escrita”, em parceria com Ana Teberosky. Segundo esses estudos, a criança passa por diferentes níveis de evolução conceitual na construção do seu processo de leitura e escrita.

Os níveis de evolução, segundo Ferreiro, são: nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético. Porém, é necessário ressaltar, que tal evolução não ocorre da mesma forma para toda criança, pois cada uma tem seu próprio ritmo. E ao passar por esses níveis, a criança vai construindo seu conhecimento sobre a leitura e a escrita.

Essas ideias trazidas pela divulgação das pesquisas de Ferreiro juntamente com a proposta do construtivismo trouxe significativas mudanças no modo de alfabetizar, pois mudou o foco da escola, do conteúdo ensinado para o sujeito que aprende.

A partir da década de 1990, o termo alfabetização foi ampliado e passou a englobar outro fenômeno: o letramento. “Fazendo com que o aluno exerça sua condição de alfabetizado, sendo realmente um interlocutor do texto, compreendendo, aceitando ou questionando o conteúdo do que lê” (BIZZOTTO et e al, 2010, p.31).

2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para Soares (2017, p. 16), alfabetização é o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. E ainda: “alfabetizar significa adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em oral (ler)” (p.17).

Leal et e al (2010) afirmam que:

Ensinar a ler na perspectiva dos métodos sintéticos-alfabéticos, silábicos ou fonéticos era ensinar a decodificar, ou seja, traduzir em sons e letras ou sílabas que formavam palavras, frases e textos. Para isso era necessário que, primeiro o sujeito aprendesse todas as letras, sílabas ou fonemas que, uma vez memorizado, possibilitariam que lesse qualquer palavra (...). As experiências de alfabetização de crianças e adultos se apoiavam, principalmente, no uso de cartilhas de base silábica ou fônica, nas quais predominavam a leitura de textos artificiais e o trabalho com palavra-chave. (p.17)

Segundo essa concepção, era necessário o domínio do código e habilidades, por isso todos os métodos tradicionais priorizavam a leitura: primeiro aprendia a ler e depois escrever. Mas, escrever no sentido de copiar e não de produzir texto.

O termo letramento tornou-se necessário com a compreensão de que não bastava alfabetizar, no sentido de decodificar e codificar, mas que também era necessário inserir essa criança alfabetizada nos usos sociais da leitura e escrita.

Na impossibilidade de determinar que a palavra *alfabetização* passe a significar não só a aprendizagem do sistema alfabético, mas também a aprendizagem dos usos sociais e culturais desse sistema, é que a “invenção” da palavra *letramento* se tornou necessária (SOARES, 2017, p.140).

A criança, muito antes de chegar na escola, começa a construir sua alfabetização e letramento no seu contexto social e familiar quando começa a se interessar pela leitura e pela escrita, observando os pais e os irmãos, assistindo televisão, vendo cartazes nas ruas, etc., pois elas vivem cercadas pela cultura letrada, nascendo assim desejos de acesso ao mundo da leitura e da escrita.

Soares colabora ainda quando enfatiza que os saberes aprendidos dentro e fora da escola são assimilados de maneiras diferentes e devem ser levados em conta quando entendemos que a educação, trata do conhecimento.

Entretanto, compreendemos ainda que a escola enquanto instituição representativa do estado e direito do cidadão deveria ser o principal meio pela qual a criança vai aprender a ler e escrever.

Mollica (2007, p 16) ressalta que:

A escola é uma das agências de letramento, paralelamente a outros sistemas assentados na experiência de vida, na necessidade da sobrevivência, na profissão dos indivíduos, na atuação dos cidadãos em suas comunidades particulares ou em âmbito mais geral.

Como agência do letramento, agora com o envolvimento da criança com a escrita em suas diferentes funções, seus diferentes portadores de textos desenvolvendo habilidades para o uso competente da escrita nas práticas sociais de leitura e escrita.

CAPITULO II

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CASTANHAL

3.1 O LOCAL

A Escola Municipal de Ensino Fundamental, local da pesquisa, está situada na travessa Primeiro de Maio, no bairro do Pirapora, e atende a comunidade local e dos arredores. A escola foi inaugurada em outubro de 2007 e reformada e climatizada em junho de 2013.

A estrutura física da escola consiste em: cinco salas de aula climatizadas; secretaria; sala de leitura; copa; dois banheiros, masculino e feminino, com oito boxes; banheiro para os funcionários, depósito de material pedagógico, área de circulação e área coberta para o lanche e atividades de educação física.

A escola funciona em dois turnos: manhã e tarde. No ano de 2018, período da pesquisa, possui 282 alunos em 10 turmas do primeiro ao quinto ano.

3.2 A TURMA

A turma do primeiro ano, turma da manhã, possui 21 alunos, sendo 8 meninos e 13 meninas.

A sala de aula possui um ambiente alfabetizador, com diversos cartazes e painéis decorando a sala e proporcionando um ambiente cercado de letras, palavras e números não só pra tornar a decoração bonita, mas pra despertar o interesse pela leitura, pois segundo a professora “a ornamentação da sala é pra ficar bonita, mas também para ser um ambiente alfabetizador, cada cartaz tem um proposito”(PROFESSORA DA TURMA).

Na entrada, logo depois da porta, encontra-se o cartaz da altura, com a foto de um animal, cujas marcas vão de 50 cm até 140 cm de altura. As marcas tem um espaço de 5 cm de distância uma da outra. Logo após, tem um quadro numérico, com números de 1 a 50, sendo que cada número possui uma cor diferente. Em seguida, há o cartaz com as palavras sábias, tais como: “desculpe-me”, “me empresta”, “boa tarde”, “com licença”, “obrigado”, “por favor” e “bom dia”. Seguindo, tem um painel chamado de “Nossas produções”. Nele, são colocadas os trabalhos das crianças para exposição. Após o painel, vem o cartaz de “feliz

aniversário”. Os meses do aniversários das crianças da turma estão escritos em nuvens. Abaixo delas, o nome das crianças escrito em borboletas coloridas.

No fundo da sala encontra-se um cartaz chamado de “Como está o tempo?”. Na parede da frente, por cima do quadro, está o alfabeto em letras maiúsculas e minúsculas, em letras de forma e cursiva. Ao lado do quadro, o calendário com os meses do ano e o calendário dos dias da semana, onde é feito a atualização diariamente da data e do dia da semana.

Na parede lateral, em frente a entrada, logo após o armário de guardar materiais, temos o cantinho da matemática, onde se encontra vários jogos, potes com tampinhas, dado, palitos de picolé etc. Em seguida, o cartaz com os numerais, escrito o numeral, o nome do numeral e a quantidade. Logo após, vem o painel de “Quantos somos?”, onde, todos os dias, é feita a contagem da quantidade de meninos e meninas presentes. Logo em seguida, há outro cartaz de parabéns. Depois, o cantinho de leitura, um painel de tecido com bolsos, com vários livros infantis.

3.3 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O que será descrito a seguir foi observado nas duas semanas junto a turma do primeiro ano, no qual descreveremos as atividades e a estratégias da professora no dia a dia para alfabetizar as crianças.

3.3.1 Atividades de rotina

As atividades de rotina são: chamada e contagem dos alunos, no qual eleger um dia para a escolha de uma criança para contagem dos alunos, ou então, contam todos juntos quantas meninas vieram e quantos menino. Em seguida, somam o total.

Ao analisar essa atividade percebemos o quão se apresenta relevante, uma vez se traduz em um momento de aprendizagem, onde o ensinar a contar e somar além de perceber quem faltou se faz presente.

Outra atividade observada se refere ao calendário, onde todos os dias, a professora cola o dia da semana e a data do mês no cartaz. Essa atividade ao nosso ver faz com que a criança entenda a passagem do tempo, pois a utilização do cartaz do tempo serve para que elas percebam como está o clima se chuvoso, nublado ou ensolarado.

Todas essas atividades rotineiras descrita por nós neste estudo a partir das leituras de letramento são utilizadas para as crianças perceberem as letras, os números as palavras e

ajudam também a alfabetizá-las letrando porque são elementos encontrados no dia a dia da escola.

3.3.2 Cantiga de roda, sílabas móveis

Para ensinar as sílabas “Va”, “Ve”, “Vi”, “Vo”, “Vu” e “Vão”, a professora usou um cartaz com cantiga de roda e sílabas móveis para construção de novas palavras. Além de atividades de leitura e escrita.

Primeiro, ela trouxe um cartaz, feito em cartolina, e colou no quadro. No cartaz, havia o seguinte:

***“Havia uma barata na careca do vovô
Assim que ela me viu bateu asas e voou.
Dó, Re, Mi, Fa,
Dó, Re, Do , Ré
Dó, Sol, Fá, Mi
Dó, Ré, Mi, Fá, Fá, Fá”.***
Ao lado dos versos, havia um desenho do vovô.

A professora explicou que o texto se tratava de uma cantiga de roda e leu todo o texto. Em seguida, cantou com as crianças. Todas as crianças cantaram, já que é uma cantiga de roda e faz parte do cotidiano da criança.

Depois, a professora pediu para uma criança ir ao quadro achar uma palavra com a letra “v” no texto e copiar no quadro. A primeira criança escreveu a palavra “vovô”. A segunda criança, a palavra “viu”. A terceira criança repetiu a palavra “viu”. A quarta criança escreveu a palavra “voou”. Todas as palavras foram lidas pelas outras crianças no momento que foram escritas no quadro, uma de cada vez.

Podemos observar que todas as crianças queriam ir escrever no quadro. Elas diziam: “Eu sei onde está!”, “Eu também quero ir!”, “O fulano repetiu a palavra!”.

Uma nova atividade foi proposta, como forma de dar continuidade ao processo de escrita e leitura. Dessa vez a professora utilizou as sílabas “va”, “ve”, “vi”, “vo” e “vu” feitas em cartolina. Ela colou as letras no quadro, na vertical. Depois, foi formando palavras com outras sílabas ou letras como: “vaca”, “vela”, “vila”, “voto”, “teve”, “vai”, “viu” e “véu”.

va – vaca va – vai

ve – vela ve – teve ve – véu
vi – vila
vo – voto

Todas as sílabas ou letras foram escritas em letras cursivas. As novas palavras foram lidas em conjunto pela professora e os alunos. Depois, copiadas no caderno.

3. 3. 3 Parlendas, jogo dos números e dinâmica do mingau

Na aula de matemática, para ensinar os numerais, a professora usou a parlenda, jogos com os números e a dinâmica do mingau.

No quadro, a professora colocou um livro-cartaz com a seguinte parlenda:

“A galinha do vizinho

Bota ovo amarelinho

Bota um,

Bota dois,

Bota tres,

Bota quatro,

Bota cinco,

Bota seis,

Bota sete,

Bota oito,

Bota nove,

Bota dez”.

Depois de explicar que o assunto era “numerais”, a professora falou que no livro-cartaz tinha uma parlenda e leu com as crianças o que estava escrito. Quando a professora leu a primeira e a segunda frase, todos já começaram a repetir “bota um”, “bota dois” e, assim sucessivamente, decorado, pois já conheciam a parlenda.

A seguir, a professora distribuiu aleatoriamente vários cartões com os numerais, explicando que: a medida que fossem lendo os numerais na parlenda, as crianças levantariam os números que cada um tinha em mãos. E assim foi feito, repetidas vezes, pois algumas crianças levantavam antes de ter chegado sua vez e a professora falava que tinha gente se

adiantando ou se atrasando, portanto precisavam repetir até que todos acertassem e ficassem bem bonito.

A professora também mostrou os numerais no quadro numérico da parede e explicou que os números são iguais em todo lugar, embora na escrita seja diferente. Seja escrito em inglês ou em espanhol, o valor é o mesmo.

No quadro ela copiou e explicou:

“Numeração decimal

Os numerais 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, são chamados de unidades

Desenhou tres rosas + 3 unidades

Desenhou seis pirulitos = 6 unidades

Desenhou dez bolas = 10 unidades ou 1 dezena

Desenhou cinco picolés = 5 unidades ou meia dezena”.

A dinâmica do mingau também se destacou como uma atividade que a partir do lúdico (brincar) se fez presente nas práticas da professora observada. Destacamos que antes de as crianças irem para o recreio a professora convocou todos a frente e deu a elas um número, explicando que quando ela falasse “***mingau, mingau***”, todos deveriam andar pela sala e quando ela falasse “um numero”, por exemplo, o número dois, todos aqueles que estivesse com o número se abraçariam.

3. 3. 4 Parlenda, brincadeira, música infantil, desenho da mão;

Para a ensinar as sílabas “Da”, “De”, “Di”, “Do”, “Du” e “Dão”, a professora usou uma parlenda, a música dos dedos, e o desenho da mão para depois ensinar a cópia de palavras mediada com o desenho das mesmas.

Nesse dia, a professora trouxe para aula um cartaz, feito em cartolina, com a seguinte parlenda:

“Dedo mindinho,

Seu vizinho,

Pai de todos,

Fura bolo,

Mata piolho”.

A professora leu cada frase, depois todos repetiam em coro.

Em dupla, as crianças fizeram a brincadeira com as mãos. A primeira na mão da segunda, depois, a segunda na mão da primeira. A professora mostrou o verdadeiro nome dos dedos e cantaram juntos a música dos dedos, que é:

*“Polegares, polegares
Onde estão? Aqui estão
Eles se saúdam, eles se saúdam
E se vão, e se vão
Indicadores, indicadores
Onde estão? aqui estão
Eles se saúdam, eles se saúdam
E se vão, e se vão
Dedo médio, dedo médio
Onde estão? aqui estão ...
Eles se saúdam, eles se saúdam
E se vão, e se vão
Anelares, anelares
Onde estão? aqui estão
Eles se saúdam, eles se saúdam
E se vão, e se vão
Dedo mínimo, dedo mínimo
Onde estão? Aqui estão
Eles se saúdam, eles se saúdam
E se vão, e se vão”.*

Continuando as atividades do dia, a professora distribuiu uma folha de papel para cada criança. Nelas, as crianças desenharam a mão esquerda. Depois, a professora chamou uma criança para achar no texto a palavra “dedo” e copiá-la no quadro.

A professora fez as seguintes perguntas para as crianças: “Qual é a primeira palavra?”, “A última palavra?”, “Que palavra está escrita com letra maiúscula? Por quê?”, “Quais as palavras escritas com letras minúscula?”.

No quadro, ela desenhou uma mão. Em cada dedo, ela escreveu as sílabas “Da” “De”

“Di” “Do” “Du”, maiúscula e minúscula, todas em letras cursivas. Na palma da mão, ela escreveu o “Dão”.

Depois de ler as sílabas escritas nos dedos, as crianças as copiaram nos respectivos desenhos, depois recortaram e colaram no caderno. Elas também copiaram vários desenhos e os nomes deles, tais quais: dedo, dado, maleta, cocada, moeda, Dedé, Didi e Dudu.

A professora desenhou e deixou copiar do quadro. Depois, as crianças escreveram a resposta no caderno e, em seguida, foram chamadas para responder no quadro. Todas foram, sem recusar quando solicitadas pela professora.

3. 3. 5 Palavras soltas coladas no quadro e texto escrito no quadro

A professora colou várias palavras feitas na cartolina no quadro, as crianças leram as mais fáceis, depois a professora leu com elas, explicando para que servia cada uma, as palavras eram: saco, lixeira, rodo, ancinho, sabão, vassoura, espanador, detergente, pano, água sanitária

O assunto foi a higiene do ambiente, no quadro foi escrito o seguinte texto:

“Para ter saúde as pessoas devem manter o ambiente onde vivem com higiene

- Lixo na lixeira

- Abrir as janelas

- Varrer a casa e o quintal

- Lavar a louça e a roupa

- Lavar o banheiro”

O texto acima foi escrito no quadro, uma frase de cada vez, sempre esperando cada aluno copiar. Depois, foi lido cada frase relacionando com as palavras coladas.

Para fixação, foi entregue a atividade xerocada onde deveriam pintar os objetos relacionados com a higiene do ambiente.

3. 3. 6 Texto escrito no quadro- dia das mães, escrita e pintura de cartão

Na sexta feira que antecedeu o dia das mães, a professora escreveu no quadro o seguinte texto:

***“No segundo domingo de maio
Comemoramos o dia das mães
Toda mãe merece amor, carinho e respeito.”***

Quando todos terminaram de copiar no caderno, a professora leu com eles e conversou sobre a data, além de fazer perguntas a respeito do texto.

Observamos que cada criança tem algo a dizer sobre sua mãe, como vão comemorar o dia, o que vai ser o almoço, se a mãe vai ganhar presente etc.

A professora distribuiu um cartão para cada criança, leram todos juntos o que estava escrito no cartão e depois cada um pintava como queria, as cores de seu cartão, a seguir colavam no caderno.

No cartão estava escrito: MAMÃE EU TE AMO.

Depois a professora entregou outro cartão, dessa vez para dar para as mães, as crianças deveriam pintar, escrever com sua letra a mensagem que a professora escreveu no quadro. Depois a professora colou um coração de papel colorido e encaixou uma serra de unha como lembrancinha para mãe.

3. 3. 7 Texto escrito no quadro-poesia, interpretação de texto e atividade xerocada

Para revisar as sílabas ca ta da, a professora escreveu no quadro um texto, depois fez a interpretação.

O texto foi assim:

O camelo come coco.

O macaco come batata.

O tatu toca cuica.

O boi bate uma lata.

O leão joga dado.

A professora depois de copiar no quadro, fez a leitura do texto em conjunto com os alunos, ela explicou que o texto era uma poesia de Ana Cristina e que estava no livro carrossel e perguntou quais as sílabas que se repetiam? Depois de algumas crianças responderem, ela falou que eram: ca, ta e da, mostrando-as nas palavras do texto. Em seguida falou do ponto final ao fim de cada frase e da letra maiúscula iniciando a frase.

A professora chamou as crianças para circularem no texto do quadro o nome dos animais. Uma a uma vieram ao quadro e circularam o nome lendo em seguida.

Após o texto do quadro ser copiado no caderno por todos, a professora escreveu também no quadro as perguntas

1- Quem come o coco?

2- O que o tatu toca?

3- Quem bateu a lata?

4-O que o macaco comeu?

5- De quem é o dado?

A professora copiou as perguntas uma de cada vez, depois ela leu as frases copiadas e os alunos responderam no caderno e depois foram ao quadro responder, cada criança uma a uma responderam no quadro.

Para fixação a professora entregou as crianças uma atividade xerocada, onde estava:

O (desenho de um macaco) come -----

O (desenho de um leao) joga-----

O (desenho de um boi) bate uma-----

O (desenh de um bode) come-----

O (desenho deum tatu) toca-----

Na atividade, o desenho do animal seria substituído pelo nome e no pontilhado a criança teria a oportunidade de colocar outra palavra que não estivesse no texto original. A professora primeiro leu cada frase e explicou o que deveria ser feito, depois ela percorreu as carteiras observando se todos estavam fazendo corretamente a palavra que escolheram no pontilhado, em seguida pediu que algumas crianças fossem ao quadro responder, cada uma fazendo uma palavra.

3. 3. 8 Atividade para casa

Todo dia tem para casa, geralmente a atividade é copiada do quadro, mas as vezes são xerocadas e coladas no caderno, essas atividades são corrigidas no outro dia pela professora.

Exemplo de um para casa copiado no quadro.

1- Forme palavras e leia:

va ve vi vo la tá ca

1 2 3 4 5 6 7

1 e 5

1 e 7

2 e 5

3 e 1

3 e 4

3 e 5

4 e 4

4 e 6

7 e 1

2- Ligue os desenhos ao nome

desenho nome

vela vaca

uva ovo

violão vela

vaca uva

3. 3. 9 Atividade no livro didático

O livro didático usado no primeiro ano é da coleção “Portas Abertas”.

No livro de Matemática, na página 117, a atividade era a escrita dos seguintes números: 17, 18, 19, 20, 30, 40 e 50.

Foi feito passo a passo com a professora lendo e acompanhado também no painel do quadro numérico. Depois de escreverem no livro a professora escrevia no quadro o nome dos numerais.

3. 3. 10 Dinâmica “Escravos de Jó”

Nesse dia, a turma foi dividida em dois grupos e cantaram juntos a música “Escravo de Jó”, fazendo a marcação com as tampinhas de refrigerante, essa dinâmica treina o ritmo,

tempo e atenção. Eles repetiram várias vezes, pois o grupo que errasse a marcação, perdia. Depois, começavam de novo. Todos participaram animados.

3. 3. 11 Leitura de poesia

Na sexta-feira que antecedeu o dia das mães a professora leu a poesia “Mãe de todos os dias”. Falou que era um poema, que tinha versos e que se tratava de homenagear a mãe. Depois fez algumas perguntas sobre o texto que leu. As crianças respondiam e contavam fatos relacionado com a poesia e suas vidas.

3. 3. 12 Leitura no livro de literatura infantil

Nas duas semanas da pesquisa, a professora leu três vezes no livro de literatura infantil no dia 08 ela leu o livro “Isso não é brinquedo” fazendo comentários sobre a capa do livro, quem fez os desenhos, a história falava de uma criança que usava os objetos de casa e a imaginação nas brincadeiras e seus pais falavam sempre “isso não e brinquedo”, ela leu o livro interagindo com as crianças, falou do perigo de brincar com alguns objetos, da imaginação ao brincar, do dever de obedecer pai e mãe.

No dia 16, ela leu a história folclórica do neguinho do pastoreio, mostrando as figuras, contou que hoje as crianças não trabalham mais como o menino da história, falou sobre a cor da pele que se parece com cor da mãe ou do pai e falou sobre discriminação racial, escravidão e a libertação dos escravos, Mostrou no globo onde fica o Rio Grande do Sul, o lugar onde se passou a história lida.

No dia 17, depois da rotina do dia, a professora fez a leitura do livro “A amizade não tem cor” de Cristina Klein e fez comentários sobre a autora e a editora. A história é sobre *bulling* na escola por causa da cor da pele. A professora falou também que todos devem se orgulhar e não ter vergonha da cor da pele.

3. 3. 13 Leitura individual

Uma vez na semana, a assistente de alfabetização toma as lições individualmente. Abaixo, temos um exemplo da lição:

(desenho de uma vaca e a palavra vaca)

va, ve, vi, vo, vu, vão

Va, Ve, Vi, Vo, Vu, Vão

vai avô aveia

vela avó luva

viva ovo avião

vila uva violão

Meu avô vai à vila.

Lá ele vê uma vaca.

É a vaca violeta.

Vovó vê a Vaca e o vovô.

Esse texto parece o texto acartilhado, o qual é muito criticado na atualidade por ser escrito apenas com o propósito de treinar as crianças no aprendizado das letras. Porém, segundo a explicação da professora durante a entrevista, ela trabalha muita coisa antes de passar o fonema e, conseqüentemente, treinar a leitura.

3. 3. 14 Empréstimo de livros

Duas vezes por semana as crianças emprestam livros na biblioteca, para lerem em casa com os pais ,devolvendo no dia seguinte.

3.4 ANALISANDO AS ATIVIDADES

Ao realizarmos as observações durante duas semanas acerca das atividades e a prática da professora as quais foram descritas no tópico anterior, analisaremos a seguir a luz dos teóricos selecionados para este estudo. Para tanto seguiremos aos mesmos itens já elencados, porém introduzindo falas da entrevista realizada com a professora da turma:

3. 4. 1 Parlendas, cantigas de roda

Ao introduzir a criança em atividades de escrita através das parlendas e das cantigas de roda a professora está trazendo coisas do cotidiano das crianças para ajuda-las a entender o uso social da leitura e da escrita, pois essas são atividades sobre coisas que acontecem na realidade delas.

Pois, conforme a professora da turma, em entrevista, disse:

A gente trabalha muito com as coisas da realidade delas. As cantigas de roda a parlenda, as listas, as brincadeiras, a história... Elas amam muito tudo isso. Quando a gente fala daquilo que a criança já conhece, é mais empolgante para ela porque ela participa e isso é muito positivo, pois parte da realidade delas (PROFESSORA DA TURMA).

As atividades para ensinar a prática da leitura e escrita envolvendo parlenda e cantiga de roda é muito positivo, pois elas estão acostumadas a cantar e falar. Ao trazer a cantiga de roda, tal qual “A barata na careca do vovô”, para trabalhar as sílabas “va”, “ve”, “vi”, “vo”, “vu”, a professora levou as crianças a cantar e repetir as sílabas de uma forma lúdica, participativa e empolgante.

A parlenda, “A galinha do vizinho”, ao ler a segunda frase todos já acompanhavam pois é um texto conhecido, que já estavam acostumados a repetir. É apropriado para falar de números.

Soares indica essas práticas como passos em direção a alfabetização:

[...] a repetição de parlendas, a brincadeira com frases e versos trava língua, as cantigas de roda, a memorização de poema. São passos em direção a alfabetização porque, se nesse sentido orientadas, desenvolvem a consciência fonológica, fundamental para a compreensão do princípio alfabético (2017, p.142).

Como podemos perceber a professora usou a parlenda e a cantiga de roda, atividade indicadas por Soares, para levar a compreensão do princípio alfabético, necessário a alfabetização e ao letramento de seus alunos.

Carvalho (2017) também concorda que:

No momento de começar o ensino sistemático da leitura, o tema e os significados do texto escolhido são decisivos. Para crianças de 6 anos, que estão iniciando o processo de alfabetização, cheias de curiosidade e disposição para aprender, há muitas escolhas: histórias, poemas, travas-línguas, canções de roda (p.53).

Seguindo as orientações dos teóricos a professora escolheu textos significativos aproveitando curiosidade e a disposição de seus alunos para aprender a leitura, escrita e os números, nessa tarefa de alfabetizar letrando.

3. 4. 2 Leitura de livros de literatura, poesia

Nos dias da pesquisa, houve leituras do livro de literatura e de poesia na sala pela professora e empréstimo na biblioteca para as crianças lerem em casa com os pais. Portanto, o incentivo a leitura é uma prática usada pela professora da turma.

Segundo Monteiro e Baptista (2009):

A leitura de livros de literatura em voz alta pelas professoras pode ser um desses momentos em que se pratica a leitura com a participação dos alunos. A cada livro lido pela professora, as crianças vão incorporando novas referências sobre como se configuram os livros de literatura (localização do título, do nome do autor, da editora etc.). A leitura em voz alta desperta o desejo e a curiosidade das crianças (p.40).

Nesses momentos de leitura em voz alta pela professora, a mesma destacou informações importantes para a compreensão da história e formação de leitores, como o título da história, o nome do autor, de que se tratava, a editora, quem fez a ilustração. Conversava e fazia perguntas despertando o desejo e a curiosidade em ouvir e conhecer mais.

Conforme Soares (2017):

A leitura de histórias é uma atividade que enriquece o vocabulário da criança e proporciona o desenvolvimento de habilidades de compreensão de texto escrito, de inferência, de avaliação, de estabelecimento de relações entre fatos..habilidades que serão transferidas posteriormente para a leitura independente quando a criança se torna apta a realizá-la (p. 143).

Carvalho (2017) também argumenta que:

As histórias lidas ou narradas pela professora, e pelos alunos também, tem um papel importantíssimo na educação da criança: elas alimentam a imaginação e o sonho, melhoram a expressão verbal, aguçam a curiosidade, criam amor pelos personagens, pelas palavras, pelos livros (p. 53).

Portanto, as práticas de leitura observadas são consideradas atividades que incluem as crianças na alfabetização na perspectiva do letramento, seja despertando a curiosidade, enriquecendo o vocabulário, desenvolvendo habilidades de compreensão de texto, ou alimentando a imaginação e o sonho essas práticas vão criando nelas amor pelas palavras, pelos livros, tornando-as leitoras, seja por prazer ou para aquisição de novos conhecimentos.

3. 4. 3 Pintura e escrita no cartão do dia das mães

Observamos que a professora direcionou a atividade de pintura e escrita para ilustrar e

escrever no cartão que seria oferecido as mães em comemoração do dia. das mães. Portanto, as práticas autênticas de leitura e escrita, que as crianças fazem em seu ambiente familiar.

A esse respeito Monteiro e Batista (2009) afirmam que:

As crianças precisam ter oportunidade de observar e reelaborar suas representações sobre “para que” e “como” as pessoas leem e escrevem em suas atividades diárias. Para isso é importante que a ação pedagógica promova a participação das crianças em práticas autênticas de leitura e de escrita, no cotidiano da sala de aula, nas quais elas possam sempre interagir com esse objeto do conhecimento (p.40).

Essa atividade proporcionou uma oportunidade de envolver a criança no uso social da escrita em um acontecimento do seu cotidiano ao ilustrar e escrever no cartão para o dia das mães. Ao presentear sua mãe com um cartão escrito com sua própria letra, a criança compreende o motivo de ela estar aprendendo a ler e escrever, incentivando a continuar a aprendizagem da leitura e escrita.

3. 4. 4 Atividades para casa

O “Para casa” é uma atividade rotineira na prática da professora. No final da aula, sempre há o dever de casa, escrito no quadro ou colado no caderno e sempre corrigidos no dia seguinte pela professora. As vezes é texto de leitura para o dia seguinte.

A esse respeito Rios e Libânio (2009) falam que:

O para casa quando elaborado respeitando os cuidados necessários, é uma atividade que pode promover o desenvolvimento da autonomia da criança e criar atitudes saudáveis na relação da criança com seus familiares durante o processo de alfabetização. (p. 25).

Concordamos com as autoras sobre a importância do dever de casa, que deve ser elaborado para promover a autonomia da criança, criando atitudes saudáveis na relação com os familiares, pois no momento de resolver o dever de casa, eles podem perceber se a criança está conseguindo evoluir na escola ou se precisa de ajuda, avaliando assim o desenvolvimento da criança. Dessa forma o dever de casa pode ser um recurso para melhorar a participação da família durante o processo da alfabetização da criança.

A correção do dever de casa pela professora no dia seguinte incentiva a criança cumprir com suas tarefas de casa, pois ela sabe que sua professora, ao corrigir, está interessada em sua aprendizagem.

3. 4. 5 Outras atividades

Observamos na pesquisa que a professora buscava trazer para sala de aula todo dia não somente textos escritos no quadro, atividades xerocadas ou atividades no livro didático, mas atividades diversificadas como: cantiga de roda, parlenda, jogos, brincadeira, poesia, leitura em livros infantis, cartazes, letras e palavras avulsas na cartolina.

Carvalho diz que: “para aprender a ler é preciso conhecer as letras e os sons que representa, mas também é fundamental buscar o sentido, compreender o que está escrito” (2017, p. 49).

Ao diversificar as atividades, trazendo diversos generos textuais e atividades lúdicas, a professora estava buscando sentido para melhor compreensão no ensino da leitura e da escrita, observamos que a professora, fazia leitura coletiva e individual, explicava, conversava e ouvia a fala das crianças. As crianças interagem, iam ao quadro, eram incentivadas a ler e tinham a ajuda da professora sempre que precisavam.

Em todas as atividades a leitura era estimulada e praticada, pois a criança precisa dela para atividades escolares assim como fazer uso nas diversas situações de seu cotidiano. Para isso é necessario de fato apropriar-se da leitura e da escrita e o melhor espaço para tal é a escola.

Observamos muitos momentos de brincadeiras e descontração não somente na dinâmica do mingau ou escravos de Jó, mas nas musicas cantadas no momento das rotinas diárias, nas brincadeiras dos dedos, etc. atividades essas importantes na aprendizagem com crianças do primeiro ano.

Ao falar da importância da brincadeira Rego (1994) diz que:

a brincadeira tem uma função significativa no processo de desenvolvimento infantil [...] através da imitação realizada na brincadeira, a criança internaliza regras de conduta, valores, modo de agir e pensar de seu grupo social, que passam a orientar o seu próprio comportamento e desenvolvimento cognitivo (p. 113).

De maneira que essas atividades lúdicas trazidas pela professora contribuem para o desenvolvimento cognitivo dessas crianças.

4 CONCLUSÃO

Complementamos nossas conclusões à respeito desta pesquisa com a entrevista da professora alfabetizadora, que por 29 anos alfabetiza crianças na rede municipal de ensino de Castanhal.

Como vimos no primeiro capítulo a trajetória da alfabetização no Brasil passou pela disputa dos métodos, de qual o melhor e mais eficiente para alfabetizar, o que hoje chamamos de métodos tradicionais, mesclou o construtivismo de Piaget e as descobertas de Ferreiro com as ideias de Vygotsky e chegou na atualidade alfabetizando na perspectiva do letramento, ou seja alfabetizar letrando.

Assim todos esses estudos e pesquisas deram base teórica para a melhoria do ensino, dessa maneira os professores alfabetizadores puderam aperfeiçoar suas rotinas em sala de aula, buscando sempre alcançar um maior número de crianças alfabetizadas que além de saber ler e escrever sejam capazes de fazer uso do que aprendeu na sua vida social.

Nas palavras da professora, significa que:

A gente vai ensinar ler e escrever ter compreensão de texto o que vai diferenciar é que a criança vai ter compreensão de mundo. Assim, o que a gente vai trabalhar e priorizar é que ela consiga utilizar aquilo que aprendeu no dia a dia dela, como a gente fala, no contexto social. A criança é capaz de produzir as mínimas coisas que vai usar no dia a dia delas, uma lista de compras, um bilhete pra mãe, uma carta (PROFESSORA DA TURMA).

Essa colocação da professora reafirma o que diz Soares (2017, p. 64) "a alfabetização só tem sentido se desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e escrita".

A professora ressaltou "como a gente fala no contexto social" para dar ênfase a perspectiva do letramento em sua prática alfabetizadora.

Produzir as mínimas coisas que vai usar no dia a dia dessas crianças, como o que foi descrito no capítulo anterior na confecção do cartão para as mães, por exemplo, vai fazer a diferença na compreensão do valor da leitura e da escrita.

Crianças se colocando como protagonista de sua história, pois além de fazer uso da leitura e da escrita nas suas práticas cotidianas, podem usar a leitura como fonte de prazer assim como para adquirir novos conhecimentos na construção de sua aprendizagem.

Segundo a professora da turma do primeiro ano, a principal diferença do alfabetizar da maneira chamada tradicional e o alfabetizar letrando é a contextualização.

Para ela:

As crianças continuam aprendendo as sílabas, mas não sozinha e sim dentro de um contexto. Toda vez que a gente vai ensinar um novo fonema, a gente se cerca da realidade delas. Primeiro, eu conheço o texto, escolho o fonema..dai a gente leva para a criança pensar o significado, 'só então a gente chega lá, vai formar as sílabas, buscar outras palavras. Não é mais aquela coisa sozinha, passar as sílabas e pronto, agora é contextualizada (PROFESSORA DA TURMA).

Ela está falando de ensinar as sílabas, os fonemas à partir de um texto, que foi lido antes, contextualizado a realidade das crianças, explicado o significado, para depois voltar-se para o ensino das letras, as relação de fonemas e grafemas. Tudo isso tornando a aprendizagem mais envolvente e significativa. É o que Carvalho (2017) chama de “buscar o sentido, compreender o que está escrito”(p.49).

Continuando a falar das diferenças ela diz que a alfabetização nos métodos tradicionais:

Era de uma maneira mais seca, ensinava as sílabas e as palavras, mas fora de um contexto, não tinha a preocupação de estar relacionando com o dia a dia, como agora. Era somente o alfabético e o silábico, a gente ainda usa isso, mas agora de uma forma diferente. Antes pra ensinar o fonema F , eu colocava a consoante F com o A, é fa, com E é fe, e já tinha uma listas de palavras. Hoje até pode fazer a lista com palavras, mas já se trabalhou muita coisa antes de chegar na lista de palavras (PROFESSORA DA TURMA).

Esta fala complementa a anterior, quando argumenta que antes “era mais seca” em relação a aprendizagem de hoje, que é contextualizada e cheia de significado.

A escola que foi feita a pesquisa segue a concepção do município de Castanhal, que segundo a professora é sóciointeracionista.

A gente segue a concepção da secretaria de educação, a visão libertadora, baseada no teórico de Paulo Freire e a concepção sóciointeracionista baseada em Vygotsky, Piaget e Vallon. Todos os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas do município foram adequados a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), e foram colocados nessa concepção (PROFESSORA DA TURMA).

Teóricos como Freire, Vygotsky, Piaget e Vallon trouxeram contribuições significativas para educação, baseando as concepções adotadas pelas secretarias de educação para desenvolver a aprendizagem da alfabetização de crianças. A ideia de Vygotsky é que o

homem constitui-se como tal através da interação social, por isso seu pensamento costuma ser chamado de sociointeracionista (REGO, 2009). Apesar de pontos divergentes entre as teorias construtivista de Piaget e a sociointeracionista de Vygotsky, os educadores tentam aproveitar o melhor delas para desenvolverem suas práticas.

Há uma preocupação do município de Castanhal em realizar a formação continuada dos professores alfabetizadores, a professora entrevistada relata que já fez muita formação continuada.

Sempre, nesses anos como professora do município fiz muito curso, antigamente tinha até mais..fiz um curso de letramento, que durou um ano e era em convenio com varias universidade. Meu polo, pertencia a universidade de Minas Gerais. A gente recebeu uma coleção de livros que trabalhava essa parte do letramento. Estou fazendo agora a formação do Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que também é ligada a universidade, é a Universidade Federal do Pará (UFPA) que prepara o material. Teve muitos outros, o município está sempre se preocupando em atualizar o professor (PROFESSORA DA TURMA).

Nesse sentido, essas formações lhes ensinaram a lidar com as turmas de alfabetização na qual trabalhou durante esses anos. Crianças que vem sempre da educação infantil, já conhecendo o alfabeto de imprensa e que são apresentadas por ela, as letras cursivas, as sílabas as palavras, as brincadeiras, as histórias e todas as práticas que ajudam essas crianças a entrar no mundo da leitura e da escrita de maneira contextualizada, que lhes permitem a fazer uso do que aprenderam na vida social e familiar.

Se antigamente com os métodos tradicionais se priorizava a leitura, no atual momento, para a professora, a leitura não é mais importante do que a escrita, mas nascem juntas:

A leitura e a escrita nascem juntas, não tem como ensinar ler e a escrever depois. Na proporção que a criança escreve ela vai abrindo a mente, a grafia vai fixar o que ela visualizou e ouviu. Na perspectiva do letramento a leitura e a escrita vem junto (PROFESSORA DA TURMA).

Na fala da professora ela mostra a importância da escrita, a medida que a criança aprende a ler ela também escreve, não somente para fixar a grafia do que visualizou, mas para construir pequenos textos, percebendo assim que o que ela diz e ouve pode ser escrito. Pois de acordo com Bizzoto (2010, p.61) “ desde o contato inicial com a escrita, a criança precisa viver a experiência de ser autor.”

Nesses anos como professora alfabetizadora, ela diz ser gratificante vê o resultado de seu trabalho no final do ano com 80% a 90% da turma, sabendo ler, escrever e construindo

pequenos textos.

Todos escrevem tirando do quadro, mesmo aqueles que não consegue ler bem já constroem pequenos textos, de forma coletiva, tendo a professora como escriba, recontando as historias, fazendo convites, aviso, recadinho etc. Mas todos eles já viram e reconhecem todos os gêneros textuais (PROFESSORA DA TURMA).

Este é o resultado positivo de se trabalhar a escrita como produção de texto desde o início. E dando-lhes a oportunidade de conhecer diferentes generos textuais. Leituras diversas e interessantes, pois segundo Carvalho (2017, p. 55) “se as leituras iniciais forem desinteressantes e cansativas, há o risco de as crianças acharem que a leitura não serve para nada”.

Em relação as crianças que por algum motivo fizeram parte daqueles 10% a 20%, que não conseguiram ler fluentemente, nos anos seguintes podem ainda conseguir acompanhar os demais, pois tem até o terceiro ano para completar o ciclo da alfabetização.

A professora se diz realizada com sua profissão, pois vê a preocupação do estado, tanto municipal como federal, nos ultimos anos com a educação, no sentido de promover a atualização do professor alfabetizador para melhor assistir a criança na sua alfabetização e letramento.

Agora em 2018, com a proposta de trazer o assistente de alfabetização para dentro da sala, esse assistente tem formação pedagogica e fica dentro da sala 5 horas semanais, ajudando o aluno com dificuldade com a minha orientação (PROFESSORA DA TURMA)

O assistente de alfabetização foi resultado da implementação do Programa Federal Mais Alfabetização, no ano de 2018, como falou a professora, ele auxilia aos alunos com dificuldade em leitura escrita e matemática no primeiro e no segundo ano.

Preocupada com a relação da família com a escola a professora fala da importância da família em participar desse momento da criança, seja ajudando ou incentivando na aprendizagem da leitura e da escrita, ou comparecendo as chamadas feitas pela coordenação quando alguma criança se encontra com dificuldade.

Com todo o aparato que a escola tem, como o mais educação, ano passado, que a criança que estava tendo dificuldade vinha no outro turno. Com tudo isso, não supri o apoio da família. Por menor que seja a participação da família, faz falta (PROFESSORA DA TURMA).

Ninguém pode negar a importância da família em um evento tão importante na vida de uma criança, como a alfabetização. A professora, a escola, os livros não substituem o apoio que a criança encontra na família, ou no falar de Polonia e Dessen (2005) "mesmo quando a instituição escolar planeja e implementa um bom programa curricular, a aprendizagem do aluno só é evidenciada quando este está cercado de atenção da família..."

Além das reuniões de pais, há diversas maneiras da família participar das atividades planejadas pela escola, como as festas comemorativas promovidas pela escola para incentivar as interações família e escola.

Como podemos ver através das palavras da professora em sua entrevista há diferença entre alfabetizar de antes e alfabetizar letrando. Como também há preocupação do Município em atualizar os professores com formação continuada, o que vai ao encontro com o que rege a Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira (LDB), quando destaca que os entes federados devem proporcionar a devida formação aos profissionais do magistério (BRASIL, 1996), o que se mostra de maneira positiva para a avaliação da política pública municipal educacional.

Os estudos teóricos, e a experiência da professora na sala de aula fazem a diferença na alfabetização e letramento de crianças, pois como diz Mortatti: "não há aprendizagem da leitura sem ensino, nem, portanto, sem professor competente para tal"(2007, p.166)

Diferença comprovada no relato da professora de que de 80% a 90% da sua turma de 21 crianças conseguem sair lendo, escrevendo no final do ano. Destacamos o fato de que a alfabetização continua no ano seguinte e todo o esforço da escola para colaborar na alfabetização dessa criança.

Concluimos, então, que o objetivo desse estudo, ao analisar se as atividades vivenciadas no primeiro ano do ensino fundamental, estão formando sujeitos, leitores escritores e produtores de cultura. teve resultados positivos.

Apesar do pouco tempo de observação, mas através das informações obtidas pela entrevista, podemos perceber que há a preocupação nos dias atuais da escola e dos professores em formar sujeitos leitores, no sentido de gostar de ler e também ler o mundo a sua volta, se apropriando dos usos sociais da leitura e da escrita.

Escritores, não só no sentido codificar ou apenas reproduzir uma cópia, mas escrever criando suas próprias histórias, sendo protagonistas e produzindo sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação.** Brasília: 2009. Disponível em: < [http:// www. portal. mec. gov. br](http://www.portal.mec.gov.br) . Acesso em: 16 fev. 2017.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.(LDB)- Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.**
- BIZZOTTO, Maria Inês. AROEIRA, Maria Luiza. PORTO, Amélia. **Alfabetização e Linguística: da teoria à prática.** Belo Horizonte: Dimensão, 2010.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: Um Diálogo entre a Teoria e a Prática.** 12 ed. Petropolis: Vozes, 2017
- RIOS, Zoé. LIBÂNIO, Marcia. **Da Escola Para Casa: Alfabetização.** Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- LEAL, Telma Ferraz. ALBUQUERQUE, Eliana Borges. MORAIS, Artur Gomes de. **Alfabetizar Letrando na EJA: Fundamentos e Propostas Didáticas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5º edição. São Paulo: Atlas. 2003.
- MINAYO, M. C.S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petropólis: Vozes, 1993.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, Letramento e Inclusão Social.** São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTEIRO, Sara Mourão. BAPTISTA, Mônica Correia. Dimensão da proposta pedagógica para o ensino da Linguagem Escrita em classe de criança de seis anos. In MACIEL, Francisca Izabel Pereira; BAPTISTA Mônica Correia; MONTEIRO, Sara Mourão(orgs). **A criança de seis anos e o ensino fundamental de nove anos: orientação para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade.** Belo Horizonte. UFMG/FaE/CEALE, 2009.
- MORTATTI, Maria Rosario Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil.** Conferencia proferida durante o seminário “Alfabetização e Letramento em Debate, Brasília: 2006.
- _____. Letrar é preciso, alfabetizar não basta...mais? In SCHOLZE, Lia; ROSING,Tania M. K. (org) **Teoria e Prática do Letramento.** Brasília: INEP, 2007.
- POLONIA, Ana da Costa. DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional, 2005,vol. 9. n. 2.**
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva historico-cultural da educação,** Petropólis: Vozes, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

APENDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Estou realizando uma pesquisa de campo para subsidiar o meu Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, que tem como Título “Práticas Pedagógicas de Alfabetização” em uma turma do primeiro ano do ensino Fundamental em uma Escola Municipal de Castanhal

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas de alfabetização em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Castanhal, para saber se elas estão contribuindo para formação de sujeitos leitores, escritores e produtores de cultura.

Para tanto, gostaria de contar com sua colaboração, respondendo a uma entrevista.

Esclareço que sua participação é totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa, e que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas em mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Eu _____ Declaro ter sido informado sobre todos os procedimentos da pesquisa de campo acima citados, da qual fui convidado(a) a participar e aceito contribuir voluntariamente com essa pesquisa. Por isso assino este termo de consentimento livre, que será assinado por mim e pelo pesquisador.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Data ____ / ____ / ____

APENDICE B- ENTREVISTA COM A PROFESSORA

1- QUAL É O SEU NOME?

2- QUAL É A SUA FORMAÇÃO?

3- QUANTO TEMPO VOCÊ ATUA COMO PROFESSORA ALFABETIZADORA?

4- PARA VOCÊ QUAL É A DIFERENÇA ENTRE ALFABETIZAR E LETRAR? COMO VOCE CONCEITUA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

5- QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO?

6- QUAL É O METODO QUEVOCE UTILIZA PARA ALFABETIZAR SEUS ALUNOS E QUAIS OS RESULTADOSPOSITIVOS E NEGATIVOS?

7- VOCE JA UTILIZOU OUTRO METODO DE ALFABETIZAÇÃO? COMO FUNCIONAVA ESSE METODO?

8- NO MUNICIPIO DE CASTANHAL HÁ FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSOR ALFABETIZADOR?

9- VOCÊ SE SENTE REALIZADA COM SEU TRABALHO DE PROFESSORA ALFABETIZADORA?

10- QUANDO AS CRIANÇAS CHEGAM AQUI NO THIAGO GUEDES NO PRIMEIRO ANO, ELAS JA PASSARAM PELA EDUCAÇÃO INFANTIL OU É O PRIMEIRO CONTATO COM A ESCOLA?

11- QUANDO ELAS CHEGAM NO PRIMEIRO ANO QUAL É A NOÇÃO QUE ELAS TEM DE ALFABETIZAÇÃO ?

12- E QUANDO ELAS SAEM DO PRIMEIRO ANO, TODAS JÁ SABEM LER E ESCREVER? CONSTROEM TEXTOS SIMPLES E INTERPRETAM O QUE LEEM?

13-FALE MAIS SOBRE O PNAIC E MAIS ALFABETIZAÇÃO.